

MULHERES CASADAS COM JOGADORES DE FUTEBOL PROFISSIONAL: RELAÇÕES ENTRE CONJUGALIDADE, TRABALHO, LAZER E TORCER

Marina de Mattos Dantas¹

Resumo: O presente artigo apresenta parte de uma cartografia de modos de vida de mulheres casadas com jogadores profissionais de futebol. Por meio de três histórias de vida, busquei mapear relações entre mulheres, lazer e futebol e como o casamento com jogadores e a maternidade reorientaram a vida dessas pessoas e suas relações com o trabalho e o lazer. O que as entrevistas indicam é que a relação conjugal fez emergir na vida delas uma nova modalidade de torcer: a de torcer pelos times nos quais os maridos trabalham. Marcado por intensidades diferentes, esses modos de torcer expõem fissuras em concepções tradicionais, nas quais uma suposta imutabilidade dos vínculos afetivos, característicos de uma “monogamia clubística” é imprescindível a um torcer legítimo.

Palavras-chave: Futebol; Conjugalidade; torcer.

Women Married with Professional Soccer Players: Relations Between Marriage, Work, Leisure and Cheering

Abstract: This article consists in a mapping of the living ways of women married to professional soccer players. Through three life stories I intend to map relations between women, leisure and soccer and, also, how marriage and motherhood reoriented (or not) the lives of these women and their relationships with work and leisure. The interviews indicate that although marriage and motherhood have made a new form of cheering emerge in their lives: cheering for the teams in which their husbands work. Marked by different intensities, these ways of cheering expose fissures in traditional conceptions of the term, in which a supposed immutability of affective bonds, characteristic of a “clubistic monogamy”, are essential to legitimate the act of cheering.

Keywords: Soccer, Conjugality, Cheering.

Mujeres Casadas con Futbolistas Profesionales: Relaciones Entre Conyugalidad, Trabajo, Ocio y Hinchar

Resumen: Este artículo presenta parte de una cartografía de los modos de vida de las mujeres casadas con futbolistas profesionales. A través de tres

¹ Professora substituta na Universidade Federal do Piauí. Pesquisadora no Grupo de estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT). Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com pós-doutorado em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: marinamattos@gmail.com, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

historias de vida, busqué mapear las relaciones entre mujer, ocio y fútbol y cómo el matrimonio con jugadores y la maternidad reorientaron la vida de estas personas y sus relaciones con el trabajo y el ocio. Lo que indican las entrevistas es que la relación marital hizo surgir en sus vidas una nueva forma de hinchar: la de hinchar a los equipos en que trabajan sus parejas. Marcadas por intensidades distintas, estes modos de hinchar exponen fisuras en concepciones tradicionales del término, en las que una supuesta inmutabilidad de los lazos afectivos, propia de una “monogamia clubista”, es esencial para un apoyo legítimo.

Palabras clave: Fútbol, Conyugalidad, Hinchar.

Introdução

“Por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”, é um ditado popular que, apesar de fora de tendência, pode-se ouvir no cotidiano. A frase implica a existência de um relacionamento afetivo entre esse par que, geralmente, se remete aos laços criados entre um homem e uma mulher que são ou pretendem se casar ou constituir uma união estável. Por mais antiga e criticável que seja, essa expressão pode funcionar como um elemento analisador da forma como muitas mulheres são vistas em diferentes situações ainda nos dias de hoje. O ditado explicita o efeito social de uma naturalização do lugar destinado à mulher, (futura) esposa, como apoiadora da carreira profissional do marido, sendo essa responsável por fornecer estabilidade emocional e conforto ao homem que é (ou será) provedor financeiro do lar e que estará posicionado “à sua frente” no que tange à visibilidade e reconhecimento público. Essa seria uma das principais funções da mulher na relação familiar pensada no formato patriarcal à brasileira.

Ainda pensando sobre essas concepções, é comum que as palavras “mulher” e “esposa” sejam utilizadas como sinônimas em diversas situações, embora, como salienta Lewczynski (2010), toda esposa é uma mulher, mas nem toda mulher é ou será uma esposa.

Tais noções remontam a certo conceito de casamento que também já não sustenta, por si só, a explicação das ligações afetivas, consensuais e/ou contratuais que se estabelecem na contemporaneidade – seja entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens, cis ou transsexuais, etc.

Em busca de compreender as relações entre sexualidade, subjetividade e verdade, Foucault (2018, 2019, 2020)² resgata pistas sobre a formação de uma moral do casal, em escritos da Grécia Antiga, do Império Romano³ e também em trabalhos de historiadores do século XX⁴, que estabelecem continuidades nas morais cristã e burguesa e balizam a instituição social *casamento* até os dias de hoje, em alguns aspetos, embora com rupturas, redirecionamentos, descontinuidades, entre outros.

² Sobre essa tríade, conferir também Foucault (2020).

³ Principalmente de filósofos Estoicos e Cínicos.

⁴ Como Paul Vayne, Nicolas Vatin, Philippe Ariès e outros.

Antes de se tornar uma moral universalizante, com o cristianismo, o casamento aparece em discussões sobre a sua essencialidade, como um modo de vida possível, por vezes aconselhável, defendido por alguns filósofos, e considerado incompatível com a dedicação à filosofia, por outros. Nos textos clássicos, “essa arte de viver casado define uma relação *dual* em sua forma, *universal* em seu valor e *específica* em sua intensidade e força (FOUCAULT, 2018, p. 189, grifos do autor), embora permanecesse, naquele momento, mais como transação privada do que de interesse público.

Com a ascensão do cristianismo, de arte da conduta (de si e dos outros), o casamento é redimensionado em uma moral universal, uma instituição social. Essa é uma condição mantida pela moral burguesa que, apesar de ter sofrido muitas modificações e rupturas, produz, também, continuidades em relação aos modelos da Grécia Antiga e do Império Romano e se mantém nos tempos atuais, em parte, como extensão do Estado nos modos de governo de si.

Múltiplos serão, portanto, os paradoxos na evolução dessa prática matrimonial. [...] O casamento passaria a ser mais geral enquanto prática, mais público enquanto instituição, mais privado enquanto modo de existência, mais forte para ligar os cônjuges e, portanto, mais eficaz para isolar o casal no campo das outras relações sociais (FOUCAULT, 2018, p. 100-101).

Por mais plasticidade que os arranjos conjugais e familiares possam assumir na atualidade, o casamento conserva-se como modo de existência e instituição social. É particular em suas motivações, mas contém regras e condutas a serem seguidas pelo casal, sobretudo em relação aos prazeres sexuais e à *gestão* da casa e dos bens. Regras e condutas que terão nuances distintas para homens e mulheres, para retornar ao par fundante da conjugalidade.

Já muito distante do período helenístico, Goldman (2012) enfatizava o aspecto econômico do casamento:

O casamento, primeiramente, é um arranjo econômico, um pacto seguro. Só difere do contrato comum de seguro de vida naquilo que tem de mais obrigatório, de mais exigente. Os retornos são insignificamente pequenos quando comparados aos investimentos. Ao se contratar uma apólice de seguro se paga em dólares e centavos, mas nos resta sempre a liberdade de descontinuar os pagamentos. Entretanto, se o marido é o prêmio do seguro, ela [a mulher] paga por isso com seu nome, sua privacidade, sua autoestima, com sua própria vida ‘até que a morte os separe’. Além do que, o contrato do casamento a condena a uma dependência vitalícia, ao parasitismo, à completa inutilidade individual, bem como social. O homem paga a sua parte também, mas como sua esfera é maior, o casamento não o limita tanto como à mulher. Ele sente suas correntes pesarem mais num sentido econômico (GOLDMAN, 2012, p. 14).

A crítica anarquista de Goldman, embora datada dos anos 1910, em uma sociedade norte-americana fortemente industrializada, na qual o mercado de trabalho ainda não estava aberto às mulheres, contribui para se

pensar a presente pesquisa⁵ sobre as mulheres casadas com jogadores de futebol profissional.

Contribui na medida em que se nota no contexto brasileiro, e a partir de um olhar distante, que é na condição de “esposas por trás dos maridos” e sustentadas por estes que, não raramente, essas mulheres são convocadas a aparecer para a sociedade. Contudo, é importante salientar que a instituição casamento não é determinada somente por condições econômicas, ela também é pautada em pilares reprodutivos, sociais e psicossociais (MAUSHART, 2007).

Dos jogadores de outras épocas, encontramos em jornais, biografias e vídeos, fragmentos dessas relações. O documentário “Histórias do Esporte: Didi – lendas de uma paixão”⁶, apresenta o casal Didi e Guiomar. Ele é lembrado como jogador do Fluminense, do Botafogo, do *Real Madrid* e da Seleção Brasileira (1952 – 1962). Ela é lembrada como cantora, no momento no qual conheceu o seu então futuro marido, e, no decorrer do filme, é circunscrita pelas funções de esposa e mãe. O documentário coloca Guiomar como “perseguidora” do marido namorado e ainda ressalta que a mulher morreu vinte dias depois de Didi, em 12 de maio 2001, dando a entender que a morte ocorrera por saudade ou “para acompanhar o marido”. Situação semelhante à de Elza Soares, falecida no mesmo dia que Garrincha, 40 anos depois.

O casamento entre Garrincha, famoso por jogar no Botafogo e na Seleção (1955 – 1966), e Elza Soares, cantora, é um dos casos de relacionamento mais famosos do meio futebolístico e muito marcado pelo sofrimento. Detalhes do relacionamento entre os dois aparecem na biografia do jogador “Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha”⁷. Muitos anos depois, a cantora também teve uma biografia lançada, na qual aparece uma outra versão da história do casal: “Elza Soares - Cantando para não Enlouquecer”⁸.

Anos mais tarde, uma reportagem da Revista Placar⁹ trazia um retrospecto do relacionamento entre Roberto Dinamite, famoso jogador (e ex-dirigente) do Vasco da Gama e também da Seleção Brasileira (1975 – 1984), e Jurema, sua esposa. Na ocasião da morte de Jurema, Dinamite declarou ter sofrido preconceito dos colegas de profissão nos anos 1970 por estar casado com uma mulher seis anos mais velha e que já era mãe. A mesma reportagem mostra Jurema como esposa e mãe cuidadosa.

⁵ Pesquisa realizada como atividade de estágio pós-doutoral em Estudos do Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais (2019).

⁶ ESPN. *Histórias do Esporte: Didi – lendas de uma paixão*. ESPN Vídeos, 31 maio 2014. Disponível em: http://www.espn.com.br/video/414408_historias-do-esporte-didi-lendas-de-uma-paixao. Acesso em 20 fev. 2022.

⁷ CASTRO, Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁸ LOUZEIRO, José. *Elza Soares: Cantando para Não Enlouquecer*. Rio de Janeiro: Editora Planeta, 2010.

⁹ BENEVIDES, Roberto; ARAÚJO, Maria Helena; LOPES, Tim. O adeus de Jurema Dinamite. In: *Revista Placar*, n. 748, pp.28-31, 21 set. 1984.

Esses três casos selecionados aleatoriamente, sobre experiências vividas por jogadores entre os anos 1950 e 1970, apenas ilustram representações possíveis sobre essas mulheres. Em todo caso, interessam nessas histórias, como em outras, o que delas permanece no tempo presente, apontando não somente representações sobre essas mulheres, mas também modos de produção de subjetividade, constituídos ao longo do tempo, que indicam certa diversidade de modos de ser e de viver, mesmo dentro desse grupo categorizado como “esposas”.

Indicam, por exemplo, que não é em todas as situações que a figura da esposa, dependendo de quem for essa mulher, ocupa um lugar secundário na exposição midiática, como indicam os casos das cantoras Guiomar, e, principalmente, o de Elza Soares.

Em casos mais atuais, também se nota que, por vezes, jogadores se casam com pessoas já famosas, como, por exemplo, o jogador Roger Flores e a atriz Débora Secco (hoje divorciados); a modelo Viviane Araújo e o jogador Radamés (também divorciados); Alexandre Pato e a atriz Stephanie Brito (igualmente divorciados); Daniele Souza (um dia conhecida como a personagem Mulher Samambaia) e Dentinho; e, por fim, Júlio César e a modelo Suzana Werner. Pode ser que, nesses casos, a fama seja decorrente de universos midiáticos diferentes, sendo o jogador famoso no universo esportivo, enquanto as atrizes e modelos são famosas no universo artístico.

Pensando dessa maneira, se Débora Secco, no mundo do esporte, era a atriz esposa do Roger, no universo artístico, Roger é que seria lembrado como marido da Débora Secco. Contudo, essa é apenas uma hipótese e não é possível precisar esse impacto das relações na carreira profissional de ambos. Sem contar que esses são apenas casos de esposas de jogadores famosos, que correspondem a uma parcela pequena, porém midiaticamente expressiva, do número de jogadores brasileiros. Parcela esta que se situa, entre outras possibilidades, como referência de sucesso, inclusive na relação que potencializa o êxito profissional de ambos.

Em suma, há algo que se modifica, por meio do tempo, na forma como essas mulheres são apresentadas socialmente, mas que continua situado principalmente pela conjugalidade (e, frequentemente, pela maternidade). Dito isso, realizar essa pesquisa no âmbito dos estudos do lazer, foi uma possibilidade de acessar algo dessa dimensão da vida das mulheres, que as situe como realizadoras das suas próprias histórias, também como esposas e mães, mas em suas outras possibilidades e condições de existência.

O interesse por essa temática apareceu durante a realização da minha pesquisa de doutorado, na qual pesquisei sobre a atualização do futebol profissional à racionalidade neoliberal e os efeitos disso na profissão de jogador de futebol (DANTAS, 2017).

Ao entrevistar jogadores para aquela pesquisa, a menção à família – que, na maioria das vezes, incluía esposa, filho(s) e/ou filha(s) – remetia à ideia do sacrifício de ausentar-se por conta da profissão. Ao acompanhar os jogos dos times nos quais os atletas trabalhavam, a presença de esposas e namoradas nas arquibancadas foi algo marcante. Uma característica interessante dessas torcedoras é que elas acabam se tornando “torcedoras dos maridos”, torcem para o sucesso profissional deles (o jogador-

empreendedor de si), seja em qual for o clube¹⁰. Esse torcer implica, por vezes, redimensionamentos de pertencimentos clubísticos anteriores.

Aos poucos, fui percebendo como e quando essas mulheres apareciam. Em uma conversa informal, o então coordenador do Museu Brasileiro do Futebol (no Mineirão) me chamou a atenção para a existência de uma “sala das esposas” no estádio, que existiu durante um período no ano de 2015. Segundo ele, a sala era um lugar improvisado, reivindicado e conquistado pelas próprias mulheres casadas com jogadores do Cruzeiro Esporte Clube, para que elas esperassem os maridos durante e/ou após os jogos.

Se na pesquisa de doutorado os jogadores de futebol foram sujeitos centrais, nesta o foco esteve nessas mulheres, presentes nas entrelinhas dos trabalhos acadêmicos, reportagens e entrevistas, realizados junto a jogadores.

Outra questão central deste problema de pesquisa, apesar de ser a última a ser mencionada aqui, é que ser mulher casada com jogador de futebol implica ter relações diferentes, marcadas por dependências e falta de autonomia em relação aos maridos e à vida, de modo geral, conforme a fama ou o anonimato, o *status* social e a situação econômica de seus maridos e delas próprias, um ponto importante a ser estimado neste estudo. Com essas considerações iniciais, alguns questionamentos são possíveis: como é o cotidiano dessas mulheres? Como essas mulheres, também torcedoras, aparecem e circulam nesse meio futebolístico? Que relações estabelecem com esse “ser torcedora do marido” e quais outras relações estabelecem com o futebol e com as práticas do torcer, para além das condicionadas à profissão do marido? Onde fica o espaço do lazer e o cuidado de si para essas mulheres? Como essas mulheres têm acesso ao lazer? Até que ponto realmente vivem em função da vida dos maridos e como rompem/transformam esse lugar?

Essas questões me direcionaram aos modos e modelos de feminilidades, de conjugalidades e de condutas construídos e divulgados, também pelos meios de comunicação em massa, como “sonhos de consumo” para mulheres e homens que se constituem como sujeitos, inclusive a partir desses modelos¹¹.

Nesse sentido, o artigo apresenta uma cartografia sobre mulheres casadas com jogadores de futebol profissional, com ênfase nas suas experiências de lazer, explorando as relações entre o ser esposa e, eventualmente, ser mãe, e como a conjugalidade reorienta, ou não, as práticas de lazer dessas mulheres, em especial a relação delas com o torcer.

¹⁰ O trabalho de Lewczynski (2010) também aponta que as esposas de jogadores vão aos jogos sempre que possível.

¹¹ De início, pensei em buscar respostas a essas perguntas comparando as formas como vivenciam os momentos de lazer as mulheres casadas com jogadores notórios na mídia especializada e as casadas com jogadores em situação de anonimato. Porém, a pesquisa tomou outros rumos, dissolvendo um pouco essa dicotomia, de modo que as mulheres com as quais conversei viviam um momento mais tranquilo de suas vidas, em relação à exposição midiática, mas já haviam vivenciado situações nas quais a notoriedade do marido em algum clube trazia consigo o assédio de torcedores que interferia em seus cotidianos.

É importante mencionar que estarão em segundo plano, neste artigo, outras questões suscitadas pelas entrevistadas, como: a figura das mairias-chuteiras; o estereótipo marcado pelo interesse financeiro das mulheres em relação aos homens jogadores, a respeito do qual as três mulheres com as quais conversei, marcaram, de alguma forma, certo distanciamento; o movimento de mudanças constantes, de emprego, cidade, estado e país, que trazem questões à dinâmica familiar; os momentos de solidão nos quais o marido parece mais uma visita, tendo em vista que os horários de trabalho deles e as concentrações são consideradas algo que interfere de modo particular na conjugalidade; e a rede de mulheres composta pelas esposas junto às mães (MENEZES, 2019), avós, faxineiras e outras, que trabalham em certo campo de invisibilidade, sustentando a possibilidade de dedicação dos jogadores, quase que com exclusividade, às suas carreiras. Esses pontos de análise estão presentes no relatório de pesquisa (DANTAS, 2019) e poderão destacar-se em outras produções.

Este artigo contemplará as análises sobre as relações estabelecidas com a carreira dos maridos; com o trabalho e a faculdade; com o lazer, em suas diversas possibilidades; e com o torcer, de maneira mais específica.

Caminhos de pesquisa percorridos

Como anunciado nos objetivos, as escolhas metodológicas para a presente pesquisa nortearam-se pela cartografia, no intuito de mapear a relação dessas mulheres com a conjugalidade e suas experiências de lazer.

Para além de uma metodologia, e na recusa deste termo em seu sentido utilitarista¹², a cartografia pensada por Deleuze e Guattari (1995) se constitui como um estudo de fluxos, em que não se pretende categorizar ou homogeneizar práticas ou formas de ser, e sim atentar para as tensões presentes no campo indicado e na sua diversidade, que produzem formas de cuidar de si e dos outros. Nesse sentido, a pesquisadora não se depara com um objeto sobre o qual coletará os dados, mas com um campo de forças para o qual direcionará sua atenção.

Cartografar, então, é conduzir-se de maneira descontínua pelos caminhos da pesquisa, não buscando uma linearidade, um início que leva a um fim, mas sempre um meio pelo qual a pesquisa vai se desenhando conforme as forças em jogo (DELEUZE; GUATTARI, 1995), em busca das subjetividades em produção e de seus efeitos de poder.

Diferentemente da cartografia tradicional, que traça mapas de territórios, relevo e distribuição populacional, uma cartografia social faz diagramas de relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, jogos de verdade, enunciações, jogos de objetivação e subjetivação, produções e estetizações de si mesmo, práticas de resistência e liberdade (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 45).

¹² Como fórmula universal de extrair conhecimento a partir de um determinado objeto de estudo.

A cartografia enfatiza o jogo de forças, envolvido na trama social, negando um ponto único de origem, a essência naturalizadora das instituições e dos indivíduos, a ser desvendada, e uma linearidade nesses eventos, fazendo emergir a diferença na história.

Para a produção desta cartografia, algumas ferramentas e procedimentos foram utilizados, a saber: entrevistas de história oral; registro sistematizado de observação dos encontros com essas mulheres em diário de campo; e acompanhamento da mídia especializada e das mídias sociais (especificamente no Instagram) das mulheres, para compreender como se apresentam e como são apresentadas nesse meio.

Como a ideia de abordar o tema surgiu a partir do interesse nos estudos do futebol, inicialmente pensei em uma divisão de entrevistadas por clubes, que refletisse um grau de diferença entre as mulheres conforme o poder aquisitivo indicado pelo potencial da renda familiar. Dessa forma, procurei por mulheres casadas com jogadores atuantes em quatro clubes de futebol profissional de Belo Horizonte: Clube Atlético Mineiro, Cruzeiro Esporte Clube, América Futebol Clube e Coimbra Esporte Clube Ltda. (Contagem-MG), buscando, com essa estratégia, atingir mulheres com vivências diferentes em relação às práticas de lazer e o acesso a estas.

Averigui dentre os atletas dos clubes supracitados os que se reconheciam ou se apresentavam como casados¹³, em uma relação heterossexual, listando as pessoas casadas com eles. No total, foram encontrados 38 casais, declaradamente nessa situação, em um universo de aproximadamente 100 jogadores.

Desse total, encontrei 24 esposas no Instagram, entre mulheres que eu já acompanhava ou passei a acompanhar por esta rede social digital. Por meio desse aplicativo, fiz contato por mensagem direta (tipo de mensagem a qual somente as próprias usuárias têm acesso), convidando-as para participar da pesquisa e conceder uma entrevista. Das respostas que obtive (7), cheguei a marcar 6 encontros que acabaram não acontecendo, seja porque as mulheres pararam de me responder, ou porque declararam ter muitos compromissos, na época, de modo que não conseguimos encontrar uma data em comum.

Ao final, entrevistei três mulheres, duas casadas com jogadores do Coimbra Esporte Clube e uma do América Futebol Clube. Elas me receberam em suas casas e as entrevistas foram gravadas mediante a autorização registrada na assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que as informava sobre a natureza e as condições da pesquisa. No termo, elas também optaram por ter os seus nomes revelados nas produções advindas da referente pesquisa.

Das várias maneiras possíveis de se trabalhar com história oral, utilizo a referência de Alessandro Portelli, que, em sua forma de proceder, aproxima-se muito dos objetivos aqui propostos com a cartografia, na qual “[...] memória, narrativa, subjetividade e diálogo, moldam a própria agenda

¹³ Utilizei, para isso, a relação de atletas empregados nos clubes durante o Campeonato Mineiro de 2019, as redes sociais digitais de atletas e das próprias mulheres casadas com jogadores, além de consultá-las sobre os casais que conheciam.

do entrevistador” (PORTELLI, 2016, p. 10); resulta mais parecido com um mosaico ou uma colcha de retalhos, formando um todo coerente a partir das histórias contadas.

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador. Eles não existiriam sob a forma que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a *entrevista*: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista (PORTELLI, 2016, p. 12, grifos do autor).

Para o autor, tanto a memória quanto a narrativa não são meros depósitos de informações, mas processos contínuos de elaboração e reconstrução de significados. Dessa maneira, em algumas situações, as mulheres entrevistadas não sabiam de antemão, por exemplo, o que entendiam/faziam por lazer, mas ao serem questionadas, passaram a pensar sobre isso.

Nessa perspectiva, a análise das entrevistas levou em conta o caráter dialógico das mesmas, no qual “consequentemente, aquilo que criamos é um texto [...] de múltiplas vozes e múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores” (PORTELLI, 1997, p. 27).

Assim, os trechos das entrevistas aparecem na forma de diálogos neste artigo, mantendo, em alguns momentos, as perguntas direcionadas às mulheres e o efeito de conversação que se iniciou com cada uma delas e continua, de maneira mais solitária, na confecção deste texto. As transições de uma entrevista para a outra, em uma mesma sequência de citações, estão marcadas com asteriscos e há grifos de ênfase feitos por mim em alguns trechos, bem como complementações de sentido entre colchetes e indicações de risos e sorrisos, que permearam as conversas, entre parêntesis.

As mulheres entrevistadas

Em situação análoga a das mulheres casadas com jogadores, o trabalho de Goldenberg (2005) explicita que em partidos políticos as mulheres muitas vezes acabam sendo socialmente posicionadas de maneira secundária ou inferior, sendo identificadas como esposa ou filha de algum homem participante da mesma organização.

Seguindo esse pensamento, identifico os times nos quais os maridos jogam, mas não os nomes dos jogadores com os quais as mulheres são

casadas, a fim de reverberar um pouco menos essa lógica¹⁴. A seguir, apresento brevemente as três mulheres em questão.

Luize Severo

Luize nasceu em Palmeira das Missões (RS) e na época da entrevista estava com 32 anos. Conheceu o marido no Orkut (rede social digital extinta), antes de ele ir morar na cidade na qual ela morava, Porto Alegre. Antes de se mudar pela primeira vez com o marido (para Recife), trabalhava no Tribunal de Justiça e fazia faculdade de Direito. Depois do casamento, seu marido jogou no Grêmio, Sport, Goiás, Atlético Goianiense, Chiasso (Suíça) e novamente nos rivais goianos, antes de chegar ao América Mineiro. Por conta disso, Luize morou em quatro cidades em nove anos, sendo oito anos em Goiás. Em Belo Horizonte, mora na região da Pampulha. É de família católica, mas recentemente, desde sua última mudança, ela e o marido passaram a frequentar uma igreja evangélica perto de casa.

Monique Machado

Monique estava às vésperas de completar 28 anos na época da entrevista. É mãe de uma menina de cinco anos, dona de casa e estudante de Pedagogia. Nessa época, estava casada há um ano e sete meses com um jogador do Coimbra Esporte Clube. Contudo, o tempo de convivência juntos somava onze anos, dos quais, cinco morando juntos. Se conheceram em uma igreja evangélica (religião praticada por ambos) morando no mesmo bairro, na regional leste de Belo Horizonte. Seu marido é goleiro, estava com 30 anos e jogou em todas as categorias de base do América, tendo jogado também em outros times do interior de Minas Gerais, por empréstimo. Juntos moraram no bairro onde se conheceram, depois passaram 6 meses morando em Varginha/MG, entre 2015 e 2017. Por fim, desde 2018, estavam de volta à regional leste de BH.

Natália Sales

Natália estava com 34 anos à época da entrevista e já estava casada há dez anos, sendo, no total, quase vinte de convivência. Mãe de uma menina de quatro para cinco anos, cozinheira, cursava Gastronomia e estava prestes a iniciar um estágio na área. Sua religião é católica (bem como a do marido), conheceu o futuro esposo na época do ensino médio, estudavam na mesma sala. Por conta da profissão do companheiro, morou em cidades do sul, sudeste e nordeste do Brasil, além de viver um tempo no Catar. Na itinerância com o marido, formou-se em Turismo, mas nunca exerceu a profissão. Iniciou também uma pós-graduação em Planejamento e Gestão de

¹⁴ Presente também nesta pesquisa, ainda que de maneira atenuada, pela própria constituição dos questionamentos que iniciaram esse mapa.

Negócio, interrompida por conta de uma das mudanças. Atualmente, mora na região da Pampulha e seu marido, que também é jogador do Coimbra, passou por dez times nos últimos dez anos. No tempo de casados, moraram em seis cidades diferentes (em algumas mais de uma vez): Belo Horizonte, Curitiba, Recife, São Paulo, Goiânia e *Al Khor* (no Catar).

Relações com a carreira do marido

Lewczynski (2010) indica que a divisão do tempo de mulheres casadas com jogadores profissionais é feita com base na rotina de seus maridos. Nas falas das três entrevistadas para este projeto, isso também foi notório. O tempo do trabalho do marido e das atividades das filhas são os dois quesitos que pareciam regular a disponibilidade para as entrevistas, mesmo as que não chegaram a acontecer. No caso de Luize, ainda sem filhos (expressão utilizada por ela), o marido estava em casa de folga e saiu no momento em que eu cheguei. De outras 24 mulheres com as quais fiz contato em Minas Gerais, a única que não tinha ao menos um(a) filho(a) anunciou a gravidez em sua conta no Instagram pouco tempo depois.

Ainda é recorrente, no convívio social, que o casamento seja apresentado como projeto de vida e/ou plano de carreira para as mulheres. Também é recorrente que a tríade casamento-gravidez-maternagem sejam entendidos como sinônimos de ser mulher, pois, como afirma Schwengber:

[...] o processo da gravidez está estreitamente relacionado com o de construção de gênero: educar mulheres para se tornarem e viverem como grávidas está dentro desses processos que nos educam como sujeitos de gênero (SCHWENGBER, 2008, p. 15).

Nota-se que muitas esposas de jogadores também são mães. E ainda que não o sejam, possivelmente estão em contato constante com essa possibilidade e com a questão sobre ter ou não filhos. No caso de Luize, Mônica e Natália, a maternidade aparecia como desejo concretizado para as duas últimas e como objetivo para a primeira.

Por motivos não necessariamente correlacionados a essa questão, Luize era das três a mais envolvida com aspectos relacionados à carreira do marido, tomando decisões sobre mudança de clube e inclusive opinando, à revelia do marido, sobre seu desempenho em campo. Na relação conjugal, a carreira do jogador, por vezes, apresenta-se como atividade profissional passível de ser desempenhada pelas mulheres com as quais são casados.

A pesquisa de Rial (2007) analisou os processos migratórios de jogadores com carreiras de sucesso em clubes europeus. Contudo, no decorrer da tese, a autora ressalta a importância das mulheres (principalmente das mães e das esposas) na carreira desses homens e como o acesso a questões relacionadas à vida deles só foi possível durante a pesquisa por conta da aproximação delas. Como a mesma autora afirma em entrevista: “Sabe-se que o homem, para emigrar, precisa do aval da mãe ou da esposa. Então elas já tinham todo um papel, central, dentro dessa mobilidade que não era visto” (RIAL, 2012, *on-line*).

A tese de Rial fala da importância dessas mulheres, ainda que apareçam de forma coadjuvante no trabalho. A autora cita “esse outro lado da pesquisa” como parte importante para o entendimento das relações que se constroem. Em entrevista ao portal Ludopédio, a pesquisadora conta como a aproximação do cotidiano das esposas facilitou o entendimento da dinâmica da vida do jogador (RIAL, 2012)¹⁵.

Dessa maneira, o artigo de Rial e Tomáz sobre as mulheres tem foco na sua relação com os homens (jogadores) e no seu (complexo) papel de mulheres na vida deles. Traz as questões da adaptação à vida no exterior e dos efeitos disso para eles e para elas, do afastamento de amigos e familiares, da restrição ao espaço doméstico, da ausência do marido, agravada por uma recorrente inatividade na esfera profissional, levando, por vezes, à depressão, a mudanças no estilo de vida e nas práticas de consumo, dentre outras questões.

Outro trabalho que também tematiza as esposas de jogadores profissionais é a monografia escrita pela, anteriormente citada, administradora e especialista em psicologia do esporte, Caroline Pasqualotto Lewczynski, intitulada “A percepção das esposas sobre a profissão de jogador de futebol e o seu papel na carreira de seus maridos jogadores profissionais de futebol”. Nessa monografia, a autora traz questões similares às discutidas por Rial e Tomáz (2008).

Lewczynski (2010) enfatiza a participação das mulheres na rotina e na carreira do marido e o que elas consideram positivo e negativo em relação à profissão deles, bem como sobre o que é para elas ser casada com jogador de futebol¹⁶.

Nota-se que, em ambos os trabalhos, há uma forte ênfase na relação das esposas com o trabalho do marido; nas renúncias, abdições e na solidão pela ausência do marido, já comentadas neste trabalho.

Outras vezes, como apontado no estudo de Lewczynski (2010), esse apoio aparece mais como um suporte emocional, às vezes, privando o marido de preocupações com as tarefas domésticas e, outras vezes, também, cuidando das finanças por ele, tarefa tida como fundamental para o sucesso do marido na profissão.

¹⁵ “O gênero ajudou no acesso às famílias, às esposas, às mães, importante para entender o estilo de vida, o cotidiano no exterior etc. Porque com os jogadores há um limite na conversa e no tempo que se pode passar com eles, pois há uma homosocialidade muito forte. Então eu não tenho como dizer pra eles quando saem com o bando de amigos: “Ah, então tá, eu vou junto”. Não dá! O fato de ser mulher, nesse caso, permitiu acesso às mulheres. Eu acho que se eu fosse um pesquisador homem não poderia dizer para a mãe ou esposa: “Ah, eu vou ficar aqui, vendo como é que você cozinha; mostra-me o que tem na despensa”. E elas não me convidariam para caminhar pela cidade, como já aconteceu. Por exemplo, mantenho contato por email, com a esposa de um jogador na Austrália, mas teria um certo constrangimento em escrever repetidas vezes para ele. Então deu para pegar um outro lado da pesquisa” (RIAL, 2012, *on-line*).

¹⁶ Camile Pasqualotto Lewczynski é casada com o ex-jogador e atual técnico de futebol Roger Machado.

Por essas questões, perguntei às mulheres que entrevistei sobre como era a relação delas com a vida profissional do marido. As três enfatizaram elementos diferentes sobre esse ponto. Natália disse não se envolver muito:

Marina: Qual o seu envolvimento com a vida profissional do seu marido?

Natália: Nenhuma, só o que ele comenta mesmo, não dou palpite. Dou opinião quando ele me pergunta, mas em nenhuma decisão... Não, exceto em uma, que nossa filha teve um câncer, com um ano e meio. E aí, nessa época, [foi] um dos motivos dele ter voltado para a Portuguesa, porque ele teve proposta de times da primeira [divisão] do [campeonato] paulista. Na época, a Portuguesa estava na segunda. Só que foi exatamente na época que a gente descobriu [o câncer]. Então, foi a época que eu falei assim, “olha, agora é isso”. Então, foi a única vez que eu influenciei, vamos dizer assim, na decisão dele de ir para algum lugar. Foi porque eu falei “olha, agora ir para interior, para lugar que...”. Porque era um mundo muito desconhecido para nós [o do câncer]. Então, eu queria a segurança de estar em algum lugar onde, do que a gente precisasse, em relação a tratamento e tudo, fosse fácil. E aí apareceu a Portuguesa, que ele já tinha jogado lá em 2012 (isso foi em 2016). Aí foi quando ele voltou para a Portuguesa. Porque pensou: “São Paulo tem tudo, é perto de Belo Horizonte, então vamos ficar”. Mas *foi a única vez, vamos dizer assim, que eu influenciei na decisão de ir para algum lugar. Já falei muito assim também: “Ah, seria bom se a gente fosse...”*. Mas ele tinha empresário na época e tudo. Então sempre essa decisão foi entre ele e o empresário ou entre ele mesmo e Deus (risos).

Marina: Mas, de alguma forma, vocês conversavam?

Natália: Sim, a gente sempre conversa, mas não... Porque têm esposas que quase são empresárias do jogador. Influenciam muito ou fazem a parte de marketing do jogador. Eu nunca me envolvi assim não. A gente, o que a gente é, é de companheiro mesmo, mas nessa parte profissional, não.

Monique disse que a decisão de ir para um novo emprego ou não costuma ser discutida entre o casal:

Marina: E qual é seu envolvimento com a vida profissional do seu marido? Eu já cheguei a perguntar sobre os momentos de decisão, mas você tem alguma participação mais efetiva nisso? Ou não? Ele tem um empresário? Como é que funciona isso?

Monique: Tem. Tem sim, às vezes acaba que a gente não tem muita [participação], porque às vezes... Porque ele é muito assim, ele é muito fechado. No caso dele, ele é muito fechado. Então, eu não participo muito assim. Se ele tem alguma dúvida, algum time ligou, assim, eu não sei quais times ligaram, quais ele está em dúvida para ir e tudo. Ele mesmo planeja tudo, aí depois que ele decide, aí ele vem e a gente conversa, mas depois que ele já decidiu mesmo.

[...]

Marina: vocês costumam discutir isso juntos? Se vai ou não?

Monique: Sim, costumamos sim. Mas acaba que a gente não tem muita opção. A gente tem que ir.

De modos diferentes, Natália e Monique apontam a decisão de aceitar ou não a proposta de um clube como deliberação de seus maridos, embora isso não aconteça sem uma conversa entre o casal. Quando existe a figura do agente/empresário, que lucra com essas transferências de jogadores entre clubes, essa relação é apontada como íntima e mais relevante na escolha, embora esta vá trazer implicações diretas para a vida de todos no núcleo familiar.

Não foi o caso de Natália e Monique, mas no futebol profissional, esposas de jogadores, recorrentemente, aparecem ocupando alguma função importante no *staff* deles. Mesmo fora desse contexto profissional, na várzea, elas auxiliam os times, lavando uniformes, preparando a comida (PIMENTA, 2013) e, às vezes, são secretárias ou ocupam outras funções no clube (GONÇALVES, 2002); atuam como comissão de apoio, assessoras e/ou agentes, empresárias.

O caso de Luize tampouco chega a ser esse, mas das três é a que mais se envolve com a carreira do marido.

Luize: [O envolvimento] é total, é até demais (risos). Porque assim, tinha uma época que ele não percebia tanto, vamos dizer que hoje... a mulher sempre acaba amadurecendo mais do que o homem, né? Então *hoje ele vê o monte de papel que eu desempenho, sabe? Quanta coisa a gente vai fazendo. [...] Com empresário, a gente vai conversando junto, assessor [de imprensa], tudo quanto é coisa.*

Luize, inclusive aponta para outras implicações que não somente a questão financeira e de carreira, dizendo que esse envolvimento nem sempre é algo bom.

Luize: [...] E como eu sei um pouco de futebol e sou muito faladeira, eu não consigo ver [o jogo] e não dar palpite. Isso é bom e ruim. Porque eu entendo e aí eu sei quando [ele] tá bem e quando tá mal. Aí ele chega e eu falo. E isso foi uma questão que prejudicou muito [o relacionamento], sabe? Porque eu acabava falando quando ele jogava mal. Quando tá bem, tá bem, quando tá ruim que é o problema (risos). Então, isso é bom e ruim. Acho que é melhor ser leiga e não saber nada (risos).

Marina: Mas hoje em dia você continua acompanhando ele? Você assiste os jogos dele?

Luize: Assistio e sofro, sofro. Porque daí eu vejo e não consigo separar. Eu sofro, eu não consigo olhar.

Marina: E você vai ao estádio ou acompanha mais pela televisão?

Luize: Eu vou, até, mas eu te confesso que não gosto muito. Porque mesmo que a gente não fale [que é casada com o jogador], as pessoas sabem. Não interessa, parece que tu chega no estádio e sempre vem um corneteiro torcedor e fica [cornetando], sabe que é mulher de

jogador e fica [falando]. Então, eu até vou, mas na verdade eu não gosto.

Marina: Já aconteceu de você estar no estádio e alguém vir falar mal dele?

Luize: Já, já aconteceu. E aí eu vou até discutir. Aí eu fiquei um tempo sem ir. Por mim, sabe?

No redimensionamento das individualidades do casal, as decisões relativas ao novo emprego e à mudança do jogador são entendidas como primordialmente dele, no caso das mulheres com as quais conversei, ainda que os impactos dessa decisão recaiam sobre todo o núcleo familiar.

Em relação à carreira e ao acompanhamento do marido, outro ponto interessante aparece na fala das participantes da pesquisa. Para além da dinâmica das tomadas de decisão e dessa composição do *staff*, mas ligada a estas está o reconhecimento de uma maturidade posta como inerentemente feminina, que justifica, em certo ponto, o acúmulo de funções administrativas (do lar, dos bens de ambos e da carreira deles) pelas mulheres, e a invisibilização dessas tarefas pelo marido, no caso específico de Luize. Ela acaba adquirindo essa expertise em prol da proteção dos interesses familiares, pelo reconhecimento próprio, e do marido, de sua maturidade, mas também pelo envolvimento afetivo com o futebol.

Apesar de toda essa participação, a carreira do marido, mesmo nos casos de maior envolvimento, não encerra as possibilidades de atividades das esposas.

Trabalho e faculdade

Retomando as pesquisas de Rial (2007) e Lewczynski (2010), quanto à escolaridade das mulheres casadas com jogadores, a primeira autora afirma que “apenas duas¹⁷ entre as esposas concluíram o terceiro grau, mas há uma tendência de que apresentem uma escolaridade maior do que a dos jogadores” (RIAL, 2008, p.37). Já na pesquisa de Lewczynski, não há a comparação com a escolaridade dos maridos, mas a autora indica que 45% das 11 mulheres entrevistadas possuíam o ensino superior completo e 27%, o ensino médio completo.

As três mulheres que entrevistei completaram o ensino médio e também cursavam ou chegaram a cursar o ensino superior, embora somente Natália tivesse uma formação completa (e outra em curso). Perguntei a elas se desempenhavam alguma atividade profissional:

Monique: eu trabalho... meu cunhado tem uma hamburgueria. Aí tem um mês, mais ou menos, que eu estou trabalhando lá, mas é também porque ele [o marido] está de férias. Aí ele está ficando agora com a minha filha, e aí eu trabalho à noite.

¹⁷ Rial (2008) não explicita quantas esposas, mas conversou com cerca de 100 jogadores brasileiros na Europa.

Marina: ah tá... Mas aí é temporário?

Monique: É, a gente vai ter que ver de acordo quando for [re]começar [o trabalho dele]. A vida da gente é assim.

Monique também cursava Pedagogia a distância. Curso iniciado quando morava em Varginha, quando sentia-se muito solitária com a filha bebê, longe de seus pais, que moravam em Belo Horizonte, e do marido, que passava mais tempo no clube, concentrado ou em jogos, do que em casa. A graduação, ao mesmo tempo que a preparava para desempenhar uma atividade profissional à qual ela pretendia dedicar-se futuramente, também assumia uma função de distração em relação a essas questões que a incomodavam na época.

Natália: Aí à tarde eu estou terminando um curso de Gastronomia (você vê lá [no Instagram] que eu só posto comida, (risos) na Estácio. É uma área que eu comecei... Eu sou formada primeiro em Turismo. Eu me formei... nessas andanças aí com o Breno¹⁸, eu acabei estudando em três faculdades. Eu comecei aqui na Newton, aí na época eu fiz aquele primeiro Enem, aí eu fui para PUC e eu casei com ele em 2010 e tive que terminar em Curitiba, quando ele foi jogar no Atlético Paranaense. E lá no curso de Turismo de Curitiba tinha uma grade de Gastronomia, então eu comecei a estudar lá. Só que eu não me aprofundi na época não, passou. Na época, eu comecei até uma pós-graduação lá também, de Planejamento e Gestão de Negócios, mas como a gente mudava quase de 6 em 6 meses, eu tranquei. E eu sou uma pessoa que gosta do presencial, sabe? Não sou muito disciplinada para o *on-line* não. Eu gosto de perguntar para o professor, gosto de discutir. Então, eu parei essa pós-graduação. [...] E a gente tem a intenção de abrir alguma coisa assim, tipo um café, meio que bistrô assim. Estamos estudando [as possibilidades] ainda, porque comércio não é fácil não.

*

Luize: Eu até pago INSS como autônoma, então... (risos). Eu sou uma pessoa que tenho até mania de pensar em tudo. Não sei se é por causa do meu problema de saúde ou não, mas o INSS eu pago, tipo assim, eu parei de trabalhar e continuei pagando. Então, um dia eu vou me aposentar. E a maioria das meninas [casadas com jogadores] não pagam, não pensam [nisso]. Só que assim, a gente acaba vivendo, largando [as coisas] e vivendo. E aí, como é que fica? Porque se tu tem saúde, ótimo, mas e se ela falta?

Gostar de estudar se afasta dos estereótipos mais comuns de esposas de jogadores, bem como a preocupação com a aposentadoria. No entanto, Natália e Monique escolheram cursos tradicionalmente direcionados às mulheres, que remetem, inclusive, ao desenvolvimento de uma especialização para os cuidados (alimentares, educacionais) com a família. Ainda que se considere que as escolhas de cada uma sejam motivadas por uma convergência singular de elementos, esse destaque se faz relevante.

¹⁸ Nome fictício.

Embora as perguntas feitas às entrevistadas tenham sido basicamente as mesmas sobre esse tópico, foi notório que a temática *trabalho* se fez muito mais presente para Natália, aparecendo como projeto de carreira e de negócio na conversa com ela, mais do que com as outras mulheres.

Amaral (2011) afirma que na clínica-escola da Universidade São Marcos, em São Paulo, dentre os adultos que procuram o processo de orientação profissional¹⁹, a maioria é composta por mulheres que “em função das alterações da vida familiar (filhos crescidos, separação, melhor condição financeira), desejam estudar ou trabalhar; mais raramente homens” (AMARAL, 2011, p. 151). A autora ainda aponta que “numa sequência culturalmente construída e socialmente imposta, o adolescente deve cumprir etapas na sua escolarização, até o momento em que lhe é conferido o direito (dever?) de escolher (decidir) uma carreira ou ocupação” (AMARAL, 2011, p. 149).

Amaral (2011) complementa que seguir um *script* desenhado na adolescência geralmente é algo restrito a alguns segmentos privilegiados da sociedade, principalmente quando se fala de uma sociedade marcada por desigualdades socioeconômicas.

Nas camadas mais desfavorecidas, a urgência do manter-se vivo leva jovens e crianças a realizarem qualquer atividade remunerada que apareça, sendo a educação formal interrompida precocemente [...] dependendo dos grupos ou segmentos sociais, [concorre também que] existem valores e expectativas ligados a história de tais grupos (AMARAL, 2011, p. 150).

Dentre as entrevistadas, nota-se que os casamentos ocorreram em momentos diferentes da vida, mas todas tiveram que mudar os planos e se adaptar à carreira do marido. Veremos que essas condições marcam não somente o mundo do trabalho, mas também o lazer dessas mulheres.

Sabe-se que, em sociedades neoliberais, a preocupação com uma formação profissional ou formação de si como capital humano é um dos pontos centrais na vida e na constituição dos modos de subjetivação dos sujeitos. Essa noção dissolve, em um olhar mais afastado, as diferenças de gênero nas demandas do capital, na medida em que a quase todo mundo é permitido e desejável o trabalho remunerado e a atitude do empreendedorismo de si. Apesar disso, uma questão marcadamente de gênero se faz notória: o casamento dificilmente é colocado no universo masculino como um dificultador do trabalho²⁰, da forma como este se colocou para as mulheres participantes desta pesquisa.

¹⁹ Não é possível, por meio do capítulo escrito pela autora, precisar em que época se deu essa procura, mas a entender pela data de publicação da primeira edição do livro, teria sido nos anos 1990.

²⁰ Em pesquisas anteriores sobre a profissão de jogador de futebol (DANTAS, 2008; DANTAS, 2011; DANTAS, 2017), o casamento nunca foi citado como um elemento dificultador do trabalho pelos homens entrevistados, nem pelas psicólogas e psicólogos (atuantes em clubes) entrevistados, embora essa pergunta não tenha sido dirigida a eles e elas de maneira direta.

Mais um indício de que, enquanto ao jogador, por diversos motivos, a ordem desde a infância é só pensar em jogar bola, para as mulheres, pensar em muitas questões ao mesmo tempo, “amadurecer” mais cedo, não é um dado natural sobre elas, mas uma necessidade que emerge e se mantém nas relações sociais.

O lazer entre o casamento e as várias relações com o futebol

Na proposta aqui formulada, entende-se o lazer como necessidade humana e dimensão da cultura, tal como explanada por Gomes (2014), uma vez que este:

[...] representa a necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais constituídas culturalmente. Essa necessidade concretiza-se na ludicidade e pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Por isso, o lazer precisa ser tratado como um fenômeno social, político, cultural e historicamente situado (GOMES, 2014, p. 12).

O lazer, portanto, constitui os sujeitos que se formam por intermédio das relações que estabelecem por onde passam (e das instituições que os perpassam...), indo além da realização de atividades em um tempo livre, mas também considerando a forma como se (re)inventam nesses momentos e em seu campo de possibilidades (e no que ousam transgredir ao possível). Dessa maneira, falar sobre o lazer dessas mulheres é também falar sobre elementos que constituem subjetividades.

De acordo com Guattari, a produção de subjetividade é matéria-prima de toda e qualquer produção (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p. 36) e não se confunde com a individualidade – esta é um efeito de tal produção. A subjetividade é uma produção, modelada e fabricada no registro do social, produzida em determinado local e tempo. Nesse sentido, os indivíduos resultam de uma produção de massa, de agenciamentos coletivos de subjetivação que podem se individualizar, produzindo modos de ser e de viver que podem se cristalizar, mas que não são naturalmente individuais.

Tendo em vista que “lazer” constitui uma categoria trazida por mim para as entrevistadas, a primeira pergunta que fiz a elas foi sobre suas concepções em relação ao termo.

Marina: E o que é lazer para você?

Natália: Seria um momento que eu pudesse estar *totalmente livre, sem compromisso*, um momento de me *desligar de toda essa rotina*. Um momento de *alívio* mesmo, de *descanso e relaxamento*.

*

Monique: Hoje para a gente, a gente assim, eu gosto assim, às vezes, de ir no *shopping, jantar, almoçar*. E também às vezes é o que dá, né? Que, às vezes, na correria, eles [jogadores] estão sempre fora, né? Jogando, concentrado, alguma coisa. Então, assim, é o que dá para fazer mesmo. A gente gosta mais assim é isso mesmo.

*

Luize: Boa pergunta (sorriso). Eu pensei nas *férias, lazer*, mas nem chega porque chega as férias, eu sou do sul e ele é do nordeste. Tem que dividir as férias e acaba que a gente nem fica tão... Mas lazer a gente costuma *jantar, ir num cinema*, alguma coisa assim.

À exceção de Natália, que trouxe uma concepção mais individualizada e de forma abstrata, “um momento de desligar da rotina”, na elaboração delas, as atividades em família foram as primeiras a emergir.

Sobre o tempo que costumam dedicar a esses momentos, todas hesitaram um pouco em responder. Não por não saberem a resposta, mas porque pareciam nunca terem pensado nessa questão antes. Talvez essa tenha sido a pergunta mais difícil que fiz a elas, dado o tempo de reflexão e elaboração das respostas. Monique concluiu que seus momentos de lazer acontecem de 3 a 4 vezes por semana. Natália, somente nos finais de semana e Luize achou difícil precisar.

De acordo com Gonzáles, Schwengber e Pinheiro (2015), no Brasil, historicamente:

as políticas públicas nacionais e municipais de lazer e esporte, [...] foram formuladas e desenvolvidas a partir de premissas que encobriram a inclusão das mulheres, pois geralmente não as consideram na elaboração, organização e instituição dos programas e projetos de lazer e esporte, o que Marcelino (1996)²¹ denominou um “todo inibidor” em relação ao gênero, que impõe barreiras à prática, à fruição e à participação cultural das mulheres (GONZÁLES; SCHWENGBER; PINHEIRO, 2015, p. 4).

Em uma pesquisa sobre o lazer brasileiro relacionado às categorias sexo, estado civil e escolaridade, Soutto Mayor e Isayama (2017) constataram que, enquanto as escolhas dos homens envolvem principalmente interesses físico-esportivos, as escolhas das mulheres se pautam mais por interesses sociais.

Entre as mulheres com as quais conversei, os interesses turísticos, artísticos e sociais predominam.

Natália: Assim, hoje, apesar de eu ser casada com atleta, eu nunca fui muito do esporte, sabe? Então, hoje eu procuro fazer *atividade física, não gosto*, mas eu vejo que hoje é uma preocupação mesmo com a saúde, né, e já *incorporei isso na rotina como um cuidado mesmo comigo, né*. Eu vejo hoje a atividade física como um cuidado. [...] Hoje tá difícil (risos), como mãe, um momento só meu assim é bem difícil, mas é *um momento que eu estou com meus amigos, é o tipo de lazer que eu mais gosto*. Ou estar reunido na casa de alguém, ou *viajar* é também uma coisa que eu gosto muito. E é isso. É mais estar reunido, eu tenho um grupo de amigas que a gente sempre se

²¹ Os autores referem-se ao livro: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras*. Campinas: Autores Associados, 1996.

reúne. Eu gosto muito de ir em feiras de gastronomia, gosto de ir em alguns shows, mas assim tipo Vanessa da Mata, que é o que eu gosto; teatro, mas ultimamente eu tenho ido em teatro infantil (risos). Gosto de sair para tomar um café, no meu caso são *programas bem lights, bem tranquilinhos*.

Apesar da aversão às mudanças de residência (cidade e país), as três disseram gostar muito de viajar. Monique ainda diz que gostaria de viajar mais.

Monique: a gente gosta bastante de *praia*. Rio de Janeiro. Praticamente todo ano a gente vai para o Rio (sorriso). A gente gosta bastante. [...] Mas a gente só viaja uma vez por ano. E aí, quando dá, porque se acontecer alguma coisa. Aí [ele] vai para outro time. Acontece alguma coisa... Aí também não dá. Então, acho que viajar é o que eu queria fazer mais do que faço.

*

Luize: *Ler*. Acho que é um momento só meu. Quando eu *viajo nas férias* [sem ele]. Às vezes eu procuro, mesmo ele estando junto ou não, independente [disso], eu tento *ter os meus momentos, de aproveitar do meu jeito*. [...] A gente se mudando, quando a gente começa a conhecer as pessoas, as coisas, tudo... Quando vem alguém te visitar. Aí eu estou *no meu melhor momento de lazer*, porque alguém vem e tu quer *mostrar a cidade* toda para a pessoa. Isso [porque] tu nem conhece [a cidade]...

É interessante que, apesar de as mudanças serem consideradas frequentes e exaustivas, Luize encontra possibilidades de lazer, nos novos lugares nos quais passa a residir, ao conhecer a nova cidade e apresentá-la aos familiares. Algo também expresso por Natália, quando disse sobre ter virado mais turista do que turismóloga nas mudanças com o marido.

Outro ponto decorrente das mudanças e valorizado por elas é a rede de sociabilidade tecida entre as mulheres casadas com jogadores. Todas mencionaram, também, participar de algum grupo religioso, acompanhadas ou não pelo marido, como ponto de encontro e de inserção em uma nova comunidade em meio às mudanças.

Dessa maneira, apesar de todas as peculiaridades de se ser casada com jogador de futebol – mudanças constantes, solidão, assédio de torcedores, entre outras – e do fato de o tempo e o tipo de trabalho do marido ser considerado pouco usual e restritivo para uma série de atividades, a vida dessas mulheres não se restringe às iniciativas tomadas por eles e a seus compromissos laborais. Suas experiências de lazer podem indicar certa multiplicidade em seus modos de ser e de viver, embora marcadas pela experiência de serem esposas e mães como universais – sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidados com as filhas.

Monique também cita os momentos em que pode cuidar da família como momentos de lazer, dissolvendo um pouco as fronteiras entre este e as obrigações cotidianas que recaem sobre as mulheres, de um modo geral. Além das viagens e do turismo, atividades como ler e assistir filmes e séries (que podem ser realizadas em casa) também apareceram.

Marina: E é uma coisa que vocês costumam fazer juntos também?

Monique: Sim, juntos. Nós três ou então nós dois. A gente gosta bastante [de filmes]. Porque acaba que eles [os jogadores] ficam mais tempo fora, então acaba que a gente... Eles gostam muito de ficar em casa também, né? Aproveitar cada momento, nós três. Curtir um pouco.

Monique e Luize enfatizaram bastante o fato de os maridos gostarem de ficar em casa, uma vez que esses momentos são raros, segundo elas. Sobre isso, Luize complementa que a disposição do casal para sair de casa varia conforme o desempenho do marido e do time em campo.

Marina: Quando o time perde as pessoas abordam mais vocês na rua do que quando ganha? Existe essa relação?

Luize: Aqui eu não senti muito, até porque meu marido entra pouco [em campo], mas lá [em Goiânia], porque a gente ficou muito tempo, meu marido jogou em um [time] e no outro, então todo mundo te conhecia, aí era bem ruim. Porque não importa, a gente ia jantar aí [vinha um e dizia] “ah, o time perdendo e tu indo jantar! Ah, tá muito bom...”, “Ah, o time indo mal e você dando volta no shopping”, sabe? Umás coisas, tipo... *já aconteceu de a gente ficar mais de um mês trancado dentro de casa.* Eu ia no mercado sozinha, e ele *só saía, ia para o treino e voltava, por causa da torcida.* E o povo não entende porque... tu não trabalha, aí tipo a empresa tá mal, aí eu não vou sair de casa, não vou beber, eu não vou isso, não vou aquilo. Ninguém faz isso [risadas]. [...] Bah, em Porto Alegre era triste. E também a gente não se sente bem, então é um pouco dos outros [por causa dos outros] e um pouco nosso [de não sair por se sentir mal].

Considerando que o desempenho no trabalho possa afetar a vida de qualquer trabalhador(a), no caso dos jogadores, sobretudo os mais célebres, ou em momentos de maior exposição midiática, essa interferência parece adquirir ênfase pelo impacto de publicização de suas vidas, tendo efeitos na dinâmica familiar e nos momentos de lazer. Nessa situação, a casa e a família nuclear se intensificam como espaços de refúgio, sendo as atividades ao ar livre ou em outros espaços as que fazem falta nesse conjunto de possibilidades de lazer levantado por elas:

Luize: [O que eu] Gostaria, mas não faço, não é nem por causa do futebol, eu gostava muito de *caminhar* e acabo não conseguindo, por causa do meu problema²².

*

Natália: Hoje? Eu gostaria de ir a *mais shows*, mas eu tô nesse momento de ter uma *criança pequena*. Minha mãe mora aqui, mas não é muito fácil [deixar a criança lá, deixa às vezes], mas eu

²² Luize tem diagnóstico de Ataxia de Friedreich, uma condição hereditária neurodegenerativa.

gostaria de ir a mais shows, *teatro*. Esse ano eu não aproveitei nada da campanha de popularização, todo ano eu costumava ir, não fui. E é isso. Gostaria também de participar de mais *eventos gastronômicos*. Belo Horizonte está concorrendo à cidade gastronômica, né, pela UNESCO, então acaba que tem tido muitos eventos para promover a cidade. E acaba que nem sempre dá para participar.

Natália diz que acaba não conseguindo ir aos eventos, além da dificuldade de ter que deixar a filha com alguém, muito por conta das folgas do marido que costumam não coincidir com os fins de semana.

Natália: Mudou. Porque antes de eu casar, eu trabalhava e estudava. Então, eu fiquei um período, mesmo, bem restrita a essas duas coisas. Em contrapartida, a rotina do atleta é bem diferente do dia a dia das outras pessoas, porque geralmente aos finais de semana é quando eles estão trabalhando. E aí esses momentos da gente de lazer geralmente aconteciam às segundas-feiras, né. Então, a gente sempre tinha que se adequar, procurar algum programinha na segunda-feira. E durante um período não eram esse tipo de lazer que a gente fazia, esse que eu gosto, de ir em um cinema, teatro, um show, passear em algum parque (em Curitiba a gente aproveitou muito os parques). Então, eu acho que tem dois lados, né. Por um lado, eu aproveitei coisas dos lugares que eu conheci, aquilo que eu trabalhando e estudando não tinha muito tempo, e, por outro, a gente tinha que se adequar por causa da rotina que eles têm.

*

Luize: O meu marido, eu chamo ele de “véio” (sorriso), porque ele não bebe, não vai para festa. É um “veíno”, né? E eu já gostava muito de sair, dançar, ir em show. Isso eu gostaria de fazer mais e, às vezes, se não fosse o futebol, eu puxaria [ele] mais [para fazer essas coisas]. Mas aí acaba, tem um show tal, vamos no show tal, aí eu vou tentando convencer [ele]. Aconteceu isso [...], vamos, com certeza. Chega um dia antes, o time tem uma derrota horrível, como é que tu vai no show? (risos). Aí tu não compra ingresso antes, não compra nada, porque a programação muda [conforme o resultado do jogo], mas eu gostaria de sair mais livremente assim.

Os temas relacionados à beleza apareceram como momentos de cuidado com elas mesmas, mas não com tanta intensidade como aparecem no Instagram de cada uma das esposas de jogadores aos quais tive acesso. Elas também se remeteram a momentos de antes do namoro ou ao que faziam com o parceiro antes do namoro, mas não fazem mais. De qualquer forma, atribuíram, com a entonação de voz, certa convicção de que muito mudou. Não somente pela questão do casamento, mas também pelas filhas.

Monique: mudou, mudou. Mudou bastante. Porque a gente assim, solteira e tudo, né? A gente não tinha muita responsabilidade de casa e tudo. Acabava que a gente saía mais. Às vezes, saía todos os dias da semana. E, agora, depois do casamento, a gente sai bem menos. Porque é mais complicado, ainda mais com filho também.

*

Luize: Mudou, mudou tudo. Eu tinha uma outra vida. Parece que eu era uma outra pessoa. [...] Aí, eu ia antes em treino do Grêmio, essas coisas. Eu ia com a minha mãe, com a minha tia. Aí, quando começou a ficar mais sério, aí ele começou a me... “não, não quero que tu vai” e tal. Aí, eu comecei a não ir.

Marina: Por quê?

Luize: *Ciúme*. Ficava “ah, mulher não...”. E daí eu parei um pouco de ir. E depois de um tempo, de mudar para Recife e voltar, tu acaba perdendo um pouco aquele amor [pelo time], sabe? *Eu gosto de futebol, mas é diferente. Eu digo, eu queria ser torcedora de novo, mas não consigo, porque a gente vê outro lado e é totalmente diferente.*

Mudou inclusive em relação ao futebol e ao torcer. Luize evoca o elemento da interferência do futebol como profissão do marido, na vivência dela como torcedora, de forma mais conflitante que as outras entrevistadas; inclusive mencionando a interdição direta do marido no hábito de ir ao estádio, indicada como um dos motivos por ela “ter perdido o gosto” pelo torcer. Contudo, em outros momentos de nossa conversa, Luize apontou que esse rompimento não foi tão definitivo assim, como discuto a seguir.

Das diversas possibilidades de torcer

O conceito de pertencimento clubístico, desenvolvido por Damo (2007) e amplamente utilizado nas análises sobre o torcer, implica em um:

[...] vínculo exclusivo e imutável de um torcedor com seu clube [que] estabiliza um sistema complexo chamado de clubismo, [...] um sistema articulado de crenças e de práticas que, numa perspectiva arrojada, pode ser definido como um totemismo moderno (Damo, 2005, p.61).

Contudo, nota-se, entre as mulheres entrevistadas, que a relação com o clubismo é multifacetada, atravessada pela relação com os maridos e pelos modos de vida que estabelecem juntos, de modo que as características de exclusividade e imutabilidade de um vínculo clubístico, marcadas por uma cisheteronormatividade, tornam-se universais questionáveis, como exposto em Dantas, Anjos e Mendes (2021).

Silva (2001) destaca, dentre outros elementos, que a noção de sacrifício está presente no torcer. Noção essa evocada pelas mulheres em vários momentos durante a entrevista por meio do sofrimento e da solidão pelas quais passam as esposas de jogadores de futebol. Nesse sentido, nota-se também nas entrevistadas três maneiras muito distintas de lidar com o relacionamento conjugal e o torcer.

Marina: Bom, isso aqui eu já te perguntei, se você gostava de futebol. Você já disse que não era muito a sua cara...

Natália: Não que eu não goste. Se ele tá assistindo, eu faço companhia, cochilo (risos), mas não...

[...]

Marina: E você torce para algum time?

Natália: Ah, sinceramente, depois que a gente tá no futebol, *a gente não têm, assim, amor por um time*. Eu já fui *cruzeirense*, minha família por parte do meu pai é muito *cruzeirense*. Atualmente, vamos dizer assim, aqui em Minas *eu torço pelo Galo*, mas agora, minha filha, é *Coimbra*, né? (risos). *É Coimbra na certa, não tem outro*. Eu tenho *muita simpatia pelo América*, então, assim, *eu não sou uma torcedora*. *Eu não tenho carteirinha de time mesmo*, porque eu nunca fui, dá para ver, eu nunca fui *vidrada* em futebol. E com essa coisa da gente viver, saber, *ver aquilo ali como uma profissão e não como um coração*, que é o torcedor, né? Que vê muito com a emoção... Então, eu não consigo, assim, ter esse amor. Tenho muita gratidão mesmo pelo futebol, pelo o que a gente viveu, foi muito bom, né? Mas *eu não consigo ter essa paixão não*.

Na fala de Natália, percebemos que a relação dela com o futebol foi predominantemente marcada pelo envolvimento com o marido. Em outra oportunidade, também identifiquei esse tipo de relação das namoradas/esposas com os jogadores, elas acabam mudando de time conforme seu namorado/marido muda de emprego (DANTAS, 2017). Além disso, embora não se diga torcedora, Natália também apontou mudanças na sua relação com o torcer depois do casamento, passando a enxergar o futebol como um trabalho, primordialmente, assim como os jogadores. Monique e Luize também reconhecem essa dimensão do torcer:

Marina: E o que mudou na sua relação com o futebol depois que você casou? De torcedora...

Monique: Muito. Igual eu te falei, a vida da gente é futebol. Então, acaba que não tem jeito. Eu vivo... tudo é futebol mesmo (sorriso).

*

Marina: Mas hoje em dia você acompanha jogos do Grêmio?

Luize: Sim, sim. Acompanho e vejo, torço, faço ele torcer comigo (risadas), mas aí também tem time que ele foi bem, né? Tem um time lá de Goiânia que é do coração dele, aí a gente torce. A gente sempre fica nessa.

Contudo, Luize e Monique acrescentam outras formas de se relacionar com o futebol. Esta última, apesar da timidez, empolgou-se ao falar sobre o tema. Talvez o momento mais agradável da entrevista para Monique tenha sido falar sobre o futebol como lazer, e não como profissão do marido.

Marina: E você gosta de futebol?

Monique: muito (sorriso). Eu não sei se todas as esposas são assim, mas eu gosto bastante.

Marina: Você torce para algum time?

Monique: *Torço para o Atlético.* [...] Só que aqui em casa a gente vê muito futebol... Acho que acaba que a gente faz muita companhia no lazer também, que você tá falando aí, pode ser no lazer também, né? *A gente vê muito futebol, qualquer jogo que tiver passando.* Se tiver *várzea*, se tiver... tudo. *Todos os campeonatos.* A gente assiste futebol, muito.

Marina: E você acompanha os jogos dele? Tem esse costume de ir em estádio?

Monique: Tenho sim. Todos que eu posso ir, que dá para ir, eu sempre vou. Igual, às vezes, é em outra cidade, às vezes é lugar mais longe, aí tem que sair daqui. E como eu não tenho carteira [de motorista], às vezes para mim fica mais complicado de ir. Aí tem cidades que, às vezes, não dá. Mais, assim, aí, é o tempo que eu tô aqui [em casa] eu tento achar pela internet para eu assistir. *Não deixo de acompanhar de jeito nenhum. Do jeito que der para acompanhar,* porque antigamente tinha time que era só rádio. Aí você tinha que procurar a rádio para poder ouvir. Não transmitia [pela TV], né? Então, assim, mas eu sempre... eu acompanho mesmo. Gosto.

Marina: E jogo do Atlético, você costuma ir?

Monique: Também vou. Gosto bastante. Quando tinha do América, porque é um lazer, né? A gente ia bastante aqui no Independência. Jogo do América... Gosto bastante de ir também.

Marina: E como é? Você já deve ter passado por essa situação, do time dele ter jogado contra o Atlético.

Monique: Já! (risos) já passei. Assim, *é difícil, mas eu torço para ele,* independente de qualquer coisa. Eu tenho que deixar de lado, porque é meu marido que tá ali, né? É bem complicado, mas eu torço para ele mesmo.

Monique gosta de assistir a qualquer jogo de futebol que estiver passando e acompanha com muito afínco as partidas nas quais está o marido. Contudo, também dá importância ao clubismo e diz que escolher entre o marido e o Atlético não é tarefa fácil. Luize ainda estabelece laços mais profundos com o pertencimento clubístico em sua fala:

Luize: [...] *Eu gostava muito de futebol, sempre gostei.* Meu pai e minha mãe se conheceram na final de uma Libertadores que o Grêmio ganhou, em [19]83, com Renato Gaúcho. Aí eles se conheceram lá e foi, ó, quatro meses [e] a mãe se casou com meu pai. Então, foi uma coisa muito louca (risos).

Marina: Então, pelo menos você era gremista quando ele [o futuro marido] foi jogar no Grêmio? (Risos).

Luize: Sim! Sim, graças a Deus! E aí, quem trouxe ele foi o Renato Portaluppi. E foi muita coincidência. E quando ele foi para lá, eu fui ver [...] [e disse:] “você faz gol em Gre-Nal”, que é o clássico, “faz gol que vai ser muito bom pra ti”. E eu falei isso desde quando eu conheci ele. Acabou que ele fez três gols em três jogos, mas foi assim, até hoje lembram dele. Na época, chamavam ele de “homem Gre-Nal”

por causa disso, dos gols, sabe? Acho que de tanto eu ficar na cabeça [dele...] (Risos). E acabou que a gente ficou junto.

Enquanto Natália limita bastante as diferenças da sua relação com o futebol, com o marido e com o clubismo, Luize é a que menos estabelece fronteiras entre o torcer, a relação com o marido e com o futebol de maneira geral.

Da mesma maneira que Anjos (2018) encontrou, junto a uma travesti, certa plasticidade²³ nessa noção de fidelidade ao clube, conectada, inclusive, a uma questão de sobrevivência e de possibilidades de se vivenciar o futebol²⁴, entre as mulheres casadas com jogadores, o clubismo depende de certa infidelidade. Isso porque, ao mesmo tempo que não abrem mão totalmente de torcer para os seus times, elas acabam tornando-se torcedoras dos times nos quais trabalham os seus maridos, em alguns casos, para que uma relação não inviabilize a outra.

Fama, anonimato e redes sociais

Jesus (2018) argumenta que, nos dias de hoje:

nos entregamos, tanto de forma voluntária nos *posts* que publicamos nas redes desenvolvidas por essas empresas, quanto na forma mais involuntária de apreensão dos vestígios que deixamos aqui e ali nas interações mediadas pelos muitos mecanismos da rede (JESUS, 2018, p. 153).

Contudo, há também quem está de fora das redes, considerada dessa maneira mais direta. Uma característica em comum em duas das entrevistadas era a ausência do uso das redes sociais digitais.

Jesus (2018) explica que uma das muitas polivalências da rede seria que, enquanto uns buscam o anonimato, outros buscam “revelar intimamente modos de vida e formas de inserção no mundo” (JESUS, 2018, p. 153). Ao mesmo tempo que revelam, também produzem, em si e nos outros.

Ao observar perfis de diversos jogadores nessas redes, é comum que esses tenham uma conta no Instagram, assessorada ou não, para administrar sua visibilidade no mercado de trabalho. Em algumas dessas contas, quase não encontramos “rastros” de suas vidas fora dos gramados. Em outras, mães, namoradas e esposas têm presença constante.

Natália e seu marido utilizam o Instagram para a divulgação dos seus trabalhos como cozinheira e jogador, respectivamente. Já para Monique e Luize, o uso das redes parece ter se tornado certo tormento.

Marina: E porque você tinha rede social e desfez?

²³ Plasticidade esta quase inadmissível em modos de torcer marcados mais fortemente por uma cisheteronormatividade.

²⁴ Não por uma questão de gostar menos de futebol, e sim como estratégia de sobrevivência.

Monique: Não, eu falo que eu era assim [gesto de estar o tempo todo no celular]. Quando eu não tinha nada para fazer, aí estava lá no Instagram, mexendo e olhando. Neeeeem, eu falei. Ah, não, não dá para ficar vivendo desse jeito não. [...] Porque é muito complicado. Ainda mais nessa área que a gente vive [do futebol] é difícil, porque acaba atrapalhando o relacionamento da gente mesmo, entendeu? Aí, eu e ele, a gente decidiu não ter. Ele também não tem. Nem *Face*²⁵, nem Instagram, a gente tirou tudo. Eu não gosto muito de ter não, só WhatsApp mesmo.

*

Luize: Hoje a gente acabou com o Instagram, sabe? Mas, até então, a gente tinha. Aí tudo tu vai [e põe], uma foto... hoje em dia a mídia é toda... uma foto que o pessoal posta... então [os jogadores], acabam pensando no lado profissional.

Em conversa informal com uma jornalista que trabalha na sessão de entretenimento em um meio de comunicação *on-line*, a mesma citou que recebia pautas da empresa para produzir notícias sobre as namoradas e esposas de jogadores, sobre o que fazem em seu cotidiano, dando a entender que esse é um conteúdo que está na agenda midiática. Contudo, como vimos nos casos das entrevistadas para esta pesquisa, nem sempre as mulheres se sentem confortáveis nesse espaço de notoriedade, ao menos não do modo como este costuma ser reservado a elas.

Natália: Curitiba é uma cidade que as pessoas não assediam muito o jogador, apesar de ser de time grande [Atlético Paranaense]. Já em Recife era difícil, ele jogou nos três times lá. Então, acaba que foi conhecido bastante lá, mas comigo sempre foi muito tranquilo. Também, igual eu te falei, eu não me envolvo, eu sou muito na minha, então, para mim eu sempre vivi minha vida normal. Para ele era um pouco mais difícil, mas a gente sempre soube levar bem tranquilo.

*

Luize: O que eu mais gostei daqui foi isso [de o América passar despercebido em meio a rivalidade Atlético x Cruzeiro]. Porque como eu saí de Goiânia e lá era muito chato pra nós... como a gente estava há muito tempo, quando eu cheguei aqui eu falei: “Ufa, vou poder fazer as coisas, vou poder ir num cinema, vou poder ir no mercado com meu marido sem ninguém saber quem a gente é” (risos). Porque Atlético e Cruzeiro é dose, né?

No início da pesquisa, eu pensava que encontraria mulheres famosas que viviam em uma condição privilegiada com cerceamento de espaços devido à fama de seus maridos, em contraposição às mulheres que vivem uma vida mais anônima, sem se atrelar à imagem dos jogadores (na maioria das vezes, não milionários). Notei, no entanto, que essas fases são vividas de maneiras diferentes, às vezes, pelo mesmo casal: períodos de maior restrição

²⁵ Facebook.

de possibilidades de se viver uma vida para além do clube que o marido representa, períodos de maior liberdade de escolha em relação as possibilidades de vida “para além das quatro linhas”.

Considerações finais

Esse não é um “guia definitivo” sobre ser casada com um jogador de futebol, que tenta circunscrever a vida dessas mulheres nas minhas possibilidades de leitura. Porém, algumas considerações podem ser anunciadas em relação a elas, a partir da breve passagem em suas vidas: em relação ao envolvimento com a carreira do marido e o modo como se relacionam com as próprias possibilidades de atividade profissional; às mudanças de residência, cidade e país constantes; aos modos como vivenciam o lazer e o torcer, como uma dessas possibilidades, e ao remanejamento, pela conjugalidade e a maternidade, entre outros temas. Relações que são estabelecidas nos trânsitos entre anonimato e visibilidade.

Se por um lado, as histórias contadas aqui não nos permitem fazer generalizações sobre como são produzidas as subjetividades dessas mulheres, ou melhor, sobre o modo como essas mulheres se constituem na relação com seus maridos, o casamento e o futebol, por outro, nos deixam vislumbrar algumas diferenças entre elas, muitas vezes, interpretadas no cotidiano como pessoas fúteis e em busca de uma “vida fácil”.

Pensar na relação desses casais como um atrelamento interesseiro e parasitário de parte das mulheres, invisibiliza essa rede de suporte formada por elas, que se dedicam aos cuidados com a casa, com os filhos e com a administração dos bens familiares. É essa rede que permite, diretamente, ao jogador “só pensar em jogar futebol”, para enfrentar o concorrido mercado de trabalhadores da bola.

Os modos e modelos de feminilidade realçados, de mulheres extremamente preocupadas com a beleza e que estão frequentemente fazendo intervenções estéticas em seus corpos, não aparecem nas entrevistas com a intensidade que está presente em redes sociais digitais de diversas mulheres casadas com jogadores. E apesar de que, no início desta pesquisa, eu pensava que encontraria “influenciadoras digitais”, deparei-me com algumas mulheres que preferem não estar em muitas dessas redes.

As mulheres casadas com jogadores nem sempre estão atreladas a um mundo *fitness* e/ou extremamente religioso, ainda que a religião pareça ser um elemento articulador importante de suas vivências sociais.

O deslizar entre a fama e o anonimato dos maridos também altera as suas rotinas e a forma como desempenham suas atividades cotidianas e vivenciam seus momentos de lazer. Isso não somente por terem as suas imagens relacionadas às deles, o que não acontece em todas as situações, mas também porque a forma como cada uma se relaciona com o futebol possibilita uma experiência de aproximação diferenciada com a carreira do marido.

Em que pese a educação e os padrões reprodutivos estarem mudando, nota-se que ser mãe é uma opção ou acontecimento frequente entre esses casais. A opção de ser ou não dona de casa não chega a ser uma questão,

ainda mais com as restrições do empreendimento em uma carreira para quem precisa se regular pelo tempo e pelas mudanças constantes de emprego do marido e das atividades dos filhos. Contudo, há esforços dessas mulheres em buscar outras atividades fora de casa. Não é possível precisar se isso se dá por uma desvalorização do trabalho doméstico (motivação social) ou por desejos outros, mas é claro que deixar totalmente de ser dona de casa não é uma realidade para elas. Ao menos não para as mulheres com as quais conversei.

Se, por um lado, as mudanças frequentes e a ausência do marido em casa causam “frio na barriga” e sensação de solidão e insegurança no cuidado com os filhos, por outro lado, o lazer que elas preferem/sentem falta são aqueles nos quais elas também podem circular e habitar a vida pública, deixando o indício de que, para elas, esse espaço fora de casa também é importante.

As mulheres casadas com jogadores de futebol podem, às vezes, não gostar de futebol, mas serão frequentemente torcedoras dos maridos, de perto ou de longe, de forma mais ou menos fiel, porém clubisticamente não monogâmica²⁶. Nem sempre abrem mão de seu pertencimento clubístico constituído antes do casamento. Porém, a exclusividade e a imutabilidade desse vínculo clubístico tornam-se incompatíveis em suas vidas. As fronteiras na relação entre esposa, marido, futebol e clubismo são flutuantes e dependem do peso que cada um desses elementos tem na constituição de seus modos de vida nessa relação. No entanto, ainda que algumas relações dessas mulheres com o futebol derivem do casamento, como o torcer para o marido, há outras relações em que elas se mantêm como torcedoras dos seus times ou mesmo como pessoas que gostam de assistir a jogos de futebol.

De certo, nessa rede de relações, permanecem modos de dependências das mulheres em relação aos homens, principalmente quando consideramos que o tempo delas é o tempo regulado pelas necessidades dos filhos e pelo calendário do futebol. Também é possível notar essa dependência na medida em que, mesmo dispondo de mais tempo livre em relação ao trabalho remunerado, essas mulheres sentem falta das atividades ao ar livre e em lugares públicos, como festas, shows, teatro. Por outro lado, elas exercitam autonomias nas tentativas de se manterem desempenhando algum trabalho (para além do doméstico) que faça sentido para elas, para além das quatro linhas e paredes.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Célia Maria Mota. Orientação profissional: adultos também a procuram. In: *A escolha profissional em questão*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. pp.149-156.

²⁶ Que as aproximam de uma polifiliação clubística marcada pelo vínculo conjugal (DANTAS; ANJOS; MENDES, 2021).

ANJOS, Luiza Aguiar dos. *De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay*. 2018. 388 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia, Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DANTAS, Marina de Mattos. *Cartografias de um campo invisível: os anônimos jogadores de futebol*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais., São Paulo. 2017. 250f.

_____. *Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a formação do atleta contemporâneo*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, Rio de Janeiro. 2011. 106f.

_____. *Subjetividade, capitalismo e esporte: vivências e discussões sobre tornar-se jogador de futebol*. Monografia (conclusão do curso de Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Psicologia, Belo Horizonte. 2008. 40 f.

DANTAS, Marina de Mattos, ANJOS, Luiza Aguiar dos; MENDES, Bárbara Gonçalves. Torceres: Pensando Diferentes Possibilidades de Pertencimento Clubístico. *LICERE- Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 24(1), 2021, p.477–509.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, v.1, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade*. 1.ed. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

_____. *História da sexualidade: O cuidado de si*. vol. 3. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

_____. *História da sexualidade: O uso dos prazeres*. vol. 2. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, p.71-83, mar. 2010.

GOLDENBERG, Miriam. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GOLDMAN, Emma. Casamento e amor. In: WASLA (org.). *De amor a anarquia: relações libertárias ontem e hoje*. Porto Alegre: Deriva, 2012.

GOMES, Christianne. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.3-20, jan/abr 2014.

GONÇALVES, Alana. *Futebol amador: campo emergente de sociabilidade*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Ceará. 2002. 98f.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SCHWENGBER, Maria Simone Vione; PINHEIRO, N. L. G. M. Mulheres rurais e as experiências de lazer: tradição e mudanças. In: XIX CONBRACE e VI CONICE, 2015, Vitória, ES. *Anais...* Vitória: UFES, 2015. pp.1-15. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/6821/3633> . Acesso em: 23 maio 2017.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

JESUS, Eduardo de. Tecnologia, imagem e subjetividade nas redes: as performances do *selfie*. In: LIMA, Nádia et al. *Corpo e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Quixote + Editoras Associadas, 2018.

LEWCZYNSKI, Camile Pasqualotto. *A percepção das esposas sobre a profissão de jogador de futebol e o seu papel na carreira de seus maridos jogadores profissionais de futebol* [monografia]; (Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização em Psicologia do Esporte e do Exercício) - Universidade Feevale; Orientador: Marcio Geller Marques; 2010.

MAUSHART, Susan. *Profissão Esposa: a doce ilusão do casamento*. Tradução Carolina Caires Coelho. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. 9 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

MENEZES, Isabella Trindade. O projeto familiar de ser jogador de futebol a partir de uma leitura interseccional. In: *Anais...* Congresso Brasileiro de Sociologia, 19, 9 a 12 de julho de 2019, UFSC, Florianópolis, Santa Catarina.

PEREIRA, A. B. *A construção social do tipo “jogador de futebol profissional”: um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrantes de suas matrizes*. 2008. 196 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PIMENTA, Rosângela. O jogo no sertão: conhecendo o futebol amador na zona rural. *Espaço Plural*, Ano XIV, Nº 29, 2º Semestre 2013, p.90 - 113.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e história oral. *Projeto História*, 1997.

_____. *A Arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRADO FILHO, Kléber; TETI, Marcela. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38, p.45-59, jan./jun. 2013.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p.21-65, Dez. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 Maio 2017.

_____. Pesquisadores: Carmen Rial [14 nov. 2012]. São Paulo: *Ludopédio*. Entrevista concedida a Equipe Ludopédio. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/entrevistas/carmen-rial/> . Acesso em: 23 maio 2017.

RIAL, Carmen; TOMAZ, N. Do crochet à casa: as mulheres na vida dos jogadores de futebol emigrantes. In: *VIII Fazendo gênero: corpo, violência e poder*. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Ensina-se a mais antiga das artes às mulheres: a de ter filhos e tornar-se mãe carinhosa. In: 31ª Reunião Anual da ANPEd, 2008, Caxambu-MG. Anais 31ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, 2008.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; ISAYAMA, Hélder Ferreira. O lazer do brasileiro: sexo, estado civil e escolaridade. STOPPA, Edmur Antonio;

ISAYAMA, Hélder Ferreira. *Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas*. Campinas: Autores Associados, 2017. p.19-36.

Entrevistas:

Entrevista com Luize Severo. Belo Horizonte, 04 de junho de 2019. Entrevista concedida a Marina de Mattos Dantas.

Entrevista com Monique Machado. Belo Horizonte, 13 de junho de 2019. Entrevista concedida a Marina de Mattos Dantas.

Entrevista com Natália Sales. Belo Horizonte, 07 de maio de 2019. Entrevista concedida a Marina de Mattos Dantas.

Agradecimentos:

À Luize Severo, Monique Machado e Natália Sales por me receberem em suas casas e compartilharem um pouco de suas vidas.

Ao Silvio Ricardo da Silva pelo acolhimento no pós-doutorado e orientação do trabalho.

À Luiza Aguiar dos Anjos e Bárbara Gonçalves Mendes pela amizade e pelas considerações prévias sobre o texto.

À Tiele Kowarlevski pela revisão textual.

Recebido em 22 de fevereiro de 2022
Aprovado em 16 de junho de 2022